

**“NO MEU TEMPO NÓS REMAVA LÁ NA CABECEIRA PARA ESTUDAR LÁ NA BOCA DO MOCAMBO”: TRABALHADORES DO CAMPO E A EXCLUSÃO EDUCACIONAL ESCOLAR - O PUXIRUM NO MOCAMBO DO ARARI – PARINTINS – AM**

Josivaldo Bentes Lima Júnior

**RESUMO:** Este texto versa sobre as experiências de mulheres e homens, trabalhadores do campo que vivenciaram exclusão educacional escolar no Mocambo do Arari – Parintins. Esse estudo lança discussão sobre a problemática que persiste em excluir pessoas de zonas rurais do acesso à educação formal apreendidas nas contradições históricas da realidade do Brasil. São essas mesmas pessoas que se articularam em estratégias de resistência por meio da solidariedade, para a obtenção do grau de Ensino Médio na comunidade. Tais dimensões de solidariedade são conhecidas por puxirum em comunidades rurais. Essa realidade de exclusão ainda não foi superada, contudo, verificam-se que que “novos personagens entram”, organizam-se em luta sociais como enfrentamento às desigualdades impostas pela ausência de políticas educacionais. Desse modo, é que o Mocambo do Arari já oferece o Ensino Fundamental e Médio para que os alunos possam concluir esse grau escolar sem sair da comunidade. O uso da história oral como recurso metodológico foi imprescindível para conhecer a história de vida de mulheres e homens, trabalhadoras e trabalhadores do campo, pois trata-se, portanto, de um duplo processo de excluir e humilha os sujeitos históricos. Por meio de entrevistas semiestruturadas conhecemos a história de vida dos mais velhos com o objetivo de pluralizar vozes e democratizar a memória como meio de conhecer as experiências de vida no Mocambo do Arari, articuladas no passado e presente no que se refere ao acesso à educação, parcialmente invisíveis na tradição histórica.

**Palavras-chave:** Trabalho. Educação. Puxirum. Mocambo do Arari.

**IN MY TIME WE PADDLED THERE AT THE HEADBOARD TO STUDY THERE IN THE MOUTH OF THE MOCAMBO ": REFLECTIONS ON SCHOOL EDUCATION IN THE COUNTRYSIDE - MOCAMBO DO ARARI - PARINTINS - AM**

**ABSTRACT:** This text deals with the experiences of women and men, rural workers who experienced school educational exclusion in the Arari - Parintins Mocambo. This study discusses the problem that persists in excluding rural people from access to formal education seized in the historical contradictions of Brazilian reality. It is these same people who have articulated themselves in strategies of resistance through solidarity, to obtain the degree of High School in the community. Such dimensions of solidarity are known as pullirum in rural communities. This reality of exclusion has not yet been overcome, however, it is verified that "new characters enter", are organized in social struggles as a confrontation with the inequalities imposed by the absence of educational policies. In this way, the Arari Mocambo already offers the Elementary and Middle School so that the students can finish this school degree without leaving the community. The use of oral history as a methodological resource was essential to know the life history of women and men, workers and workers of the field, because it is therefore a double process of excluding and humiliating historical subjects. Through semi-structured interviews, we learn about the life history of the elders with the aim of pluralizing voices and democratizing memory as a way of getting to know life experiences in the Arari Mocambo, articulated in the past and present regarding access to education, partially invisible in the historical tradition.

**Keywords:** Work. Education. Puxirum. Mocambo do Arari

## **Introdução**

A educação escolar é um direito de todos assegurado pela Constituição de 1988, por meio do artigo 205. Ela deve ser gratuita e em plenas condições de igualdade, segundo o art. 26 da Declaração Universal dos Direitos do Homem. Contudo, historicamente, esse direito continua sendo negado a milhões de brasileiras e brasileiros, e de forma muito mais rigorosa às populações e trabalhadores de comunidades rurais na Amazônia. Assim, na qual grande parte das pessoas possui pouca escolaridade, e os mais velhos, em especial, costumam ter quase nenhuma alfabetização.

A maioria das pessoas idosas têm pouca escolaridade. Em comunidades rurais, eles precisavam se deslocar para outras regiões onde tivessem escolas, e conjugado com a pobreza, muitos deles foram excluídos das experiências do sistema educacional devido à necessidade de trabalharem ainda muito cedo. São trabalhadores do campo que exercem atividades variadas e muitas vezes combinadas: agricultores, pescadores, caçadores, ceramistas, donas de casa que tiveram o direito à educação escolar negado

Na agrovila do Mocambo do Arari, a problemática ainda persiste, pois, os moradores têm o acesso à educação formal de qualidade é questionável. Embora a localidade possua duas escolas, uma estadual e outra municipal, muitos moradores precisam se deslocar para a cidade de Parintins aqueles que desejam adquirir o grau do Ensino Superior, e até para cursar o Ensino Médio, já que as vagas na escola local são limitadas.

Com base nas considerações iniciais, trata-se, portanto, de compreender como mulheres e homens, moradores e trabalhadores de comunidade rurais historicizam suas experiências no que se refere o acesso à educação escolar. São sujeitos históricos que tem suas memória e direitos silenciados, negligenciados e excluídos, porém se organizam e articularam por meio da solidariedade para recriarem direitos, em perspectivas de luta e conquista, em especial ao Ensino Médio, já que muitos estudantes precisavam se deslocar para outros regiões para dar continuidade aos estudos.

Essa forma de articulação coletiva é bastante comum em zonas rurais, nas quais o sentimento comunitário de ajuda mútua está vinculado à maneira de pensar a vida e o mundo, identificados nas relações de coletividade presentes em trabalhadores e trabalhadoras de comunidades rurais cujos objetivos são diversos: terminar o roçado em curto tempo, ajudar na

*RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar.* ISSN 2594-8806

manutenção da festa da comunidade, ou ainda para articulações para contribuir na restauração da saúde de um comunitário. Esses laços de solidariedade articulados por amigos, vizinhos e familiares são conhecidos por “puxirum”.

### **Referencial Teórico**

“Falar de um direito à educação é, pois, em primeiro lugar, reconhecer os fatores sociais na própria formação indivíduo” (Piaget, 1988, p. 29). Pensar a educação escolar em comunidades rurais na Amazônia é lembrar das peculiaridades geográficas da região. É também situar os desafios de pensar uma educação democrática, com qualidade e acesso a todos. Contudo, essa ideia de educação parece estar distante da realidade da zona rural, na qual a distância e as dificuldades de deslocamento, a falta de professores e a precariedade das escolas necessitam ser superadas. Afinal,

O homem é um ser deformável, sob a influência de causas externas, que sobretudo através do seu desenvolvimento, intervém maleficamente, e de causas internas, congênicas ou hereditárias. À educação cabe desviar as primeiras, e anular, ao menos corrigir, as últimas. (LIMA 2005, p.79)

Neste sentido, a escola seria o lugar ideal para pensar nessas reações. Contudo, historicamente, a educação escolar foi negada aos muitos brasileiros ribeirinhos, pessoas que habitam casas em comunidades e com experiências cotidianas ligadas aos rios e às florestas. A maioria das pessoas, hoje idosas, pouco frequentaram a escola, interrompendo seus estudos ainda muito jovens devido à ausência de escolas e professores e em virtude da necessidade de trabalhar no campo desde muito cedo para tirar seu sustento.

Neste sentido, (PIAGET, 1988) aponta sobre a condição de analfabetismo no Brasil, na qual muitos jovens se somavam ao contingente de analfabetos, razão pela qual a UNESCO se engajou na luta contra o analfabetismo.

Tal situação configura a sociedade brasileira como autoritária, uma vez que mesmo em um processo de vivência denominada “democracia”, muitos são os percalços a serem superados para destinar uma educação inclusiva e que permita aos moradores de comunidades rurais a integração no processo educacional e social no país. Para Chauí (1986), essa situação revela certas ambiguidades, em forma de “conformismo e resistência”, articuladas pelas classes “subalternizadas”, que em forma de negociação alargam suas experiências em diversos modos de viver a dignidade, como sugere a luta pelo acesso à educação formal.

*RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar.* ISSN 2594-8806

A cidade e o campo frequentemente são relacionados como espaços em oposição. A cidade, se revela como lugar de realizações, com a existência de energia elétrica, meios tecnológicos de comunicação, transporte, e associada ao barulho e a violência. Já o campo passou a ser associado ideologicamente a uma forma de viver mais natural, vida simples, e lugar de paz, como observa Alves (2016, p. 165)

O acesso a capital produtivo é quase inexistente. As famílias vivem das transferências sociais de renda, do trabalho temporário na roça de subsistência (ou nas plantações de café) e da ocupação em atividades fora da roça (atividades não agrícolas), a exemplo da construção civil, trabalho doméstico, artesanato e comércio.

O Mocambo do Arari<sup>1</sup> é um distrito de Parintins, no Amazonas cuja sede é a agrovila São João do Mocambo do Arari. O acesso à localidade se dá somente por via fluvial, por meio das embarcações de pequeno e médio porte, que costumam sair da cidade de Parintins. As viagens duram em média de 3 a 6 horas, para alcançar os 60 km que separam à agrovila do Mocambo do Arari da cidade de Parintins.

A formação da agrovila seu deu em 1964 por meio da ação da Congregação Mariana que formou a comunidade organizando os moradores de áreas próximas em torno de uma comunidade batizada de São João do Mocambo do Arari, em homenagem ao referido santo. (CERQUA, 2019)

Atualmente, o distrito possui mais de 10 mil habitantes, segundo o IBGE de 2010, e tem como base econômica o funcionalismo público, a pesca, a agricultura e pecuária, além dos programas de assistência social do Governo Federal como bolsa família que ajudam a complementar a renda mensal da população mocambense, onde 70% dos moradores têm televisão em suas residências.

Para atender os moradores e comunidades que fazem parte do distrito, há somente duas escolas: Escola Municipal Santa Maria, que atende o Ensino Fundamental I e II; e a Escola Estadual Caetano Mendonça que atende e o Ensino Médio, que são resultantes das estratégias das moradores e moradores dessa comunidade articuladas na luta pelo direito à educação. Ainda assim, muitos moradores precisam se deslocar para a cidade de Parintins, para cursar o Ensino Médio e, eventualmente o Ensino Superior, por meio da Instituto de Ciências Sociais, Educação

---

<sup>1</sup> O distrito São João do Mocambo é uma das 73 comunidades rurais da região do município de Parintins, Baixo Amazonas, sua população corresponde a um total de 10.138 habitantes. Sua área territorial é de 7.069 Km<sup>2</sup>, e está localizado à margem esquerda do Rio Amazonas, próximo ao município de Uruará (IBGE, 2011).

*RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar.* ISSN 2594-8806  
e Zootecnia – Universidade Federal do Amazonas e do Centro de Estudos Superiores de Parintins  
- Universidade Estadual do Amazonas.

Para Hage e Cardoso (2013, p. 426) destacam os enfrentamentos e as buscas pela superação de situações excludentes, desigualdades sociais e ausência de políticas educacionais. Nesse sentido, compreendem o “Movimento da Educação do Campo” como importante instrumento para de impedir:

A reedição das tradicionais políticas assistencialistas e compensatórias, que mantêm a precarização das escolas rurais e reforçam o atraso e o abandono da educação dos povos que vivem da agricultura, do extrativismo e da pesca, ao reivindicar que as experiências político-pedagógicas acumuladas nesse processo de luta e mobilização, de tomada de posição nos confrontos entre concepções de agricultura, de projetos de campo, de educação e de lógica de formulação das políticas públicas sejam reconhecidas e legitimadas pelo sistema público em suas várias esferas.

O funcionamento das escolas em comunidades rurais ainda enfrenta muitos desafios amazônicas. Vasconcelos (2017, p. 54) destaca que, “no geral, as escolas funcionam em espaços comunitários como salões comunitários, residências, centro paroquiais, entre outros, e geralmente fazem parte do sistema municipal de ensino”. Assim, o contexto amazônico escolar é carregado se simbologia e significados, nos quais a realidade dos moradores precisa ser dimensionada para a construção de políticas públicas voltadas para uma educação que amplie as possibilidades de educação, contudo, dialogando com o contexto sociocultural das sociedades rurais, ao compreender as particularidades regionais no que se refere ao clima, às vazantes e enchentes dos rios.

A história de exclusão educacional escolar evidenciada nas histórias dos mais velhos da comunidade do Mocambo do Arari possibilitou uma organização coletiva dos moradores para que as escolas e os professores fizessem parte das experiências do cotidiano dos moradores locais.

Essas articulações de solidariedade são compreendidas com base no sentimento de coletividade comunitária construídos no processo histórico de formação do lugar. Os moradores se organizaram em lutas e estratégias para reinventarem direitos básicos como o acesso à energia elétrica por meio do carregamentos dos postes de iluminação, ao lazer por meio das festividades locais, à fé por meio da construção da capela, e por fim a escola de Ensino Médio, um sonho muito distante para os moradores mais antigos. Por isso, o uso do termo “puxirum” para intitular esse estudo como estratégias de resistência em virtude da histórica exclusão por que passaram, e eventualmente passam os moradores do Mocambo do Arari.

*RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar.* ISSN 2594-8806

O uso do termo “puxirum” é bastante comum em comunidades rurais para se referir ao trabalho coletivo do roçado. Trata-se de uma atividade em que as pessoas se reuniam para fazer o puxirum, o trabalho coletivo, por exemplo, para fazer num dia só a plantação de uma roça, na plantação de mandioca, juta, cacau, banana, melancia, entre outros, como se pode ver na figura abaixo que apresenta o puxirum no Mocambo do Arari.



**Fonte:** Acervo de Francisco Geraldo

O trabalho coletivo, chamado de “puxirões”, é elucidado na obra de Eduardo Galvão em “Santos e Visagens”. Para o autor, “o trabalho cooperativo nas roças, através dos puxirões, em que um roceiro convida as famílias vizinhas para ajuda-lo, é um outro traço que induz maior solidariedade.” (GALVÃO, 1976, p. 37)

Antônio Candido (2003), designa que o puxirum, ou melhor, o “mutirão”, denominação dada para o trabalho coletivo não se resume ao trabalho na roça, mas uma articulação de vizinhos por meio da solidariedade.

Consiste essencialmente em reunião de vizinhos, convocados por um deles, a fim de ajudá-lo a efetuar determinado trabalho: derrubada, roçado, plantio, limpa, colheita, malhação, construção de casa, fiação, etc [...] Mas não há remuneração direta de espécie alguma, a não ser a obrigação moral em que fica o beneficiário de corresponder aos chamados eventuais dos que o auxiliaram. (CANDIDO, 2003, p. 88)

A mesma compreensão tem Monica Medeiros (2015) quando observa que o puxirum tem outros fins, como limpar o terreno do centro comunitário, para construir a igreja ou a escola, geralmente com o dinheiro conseguido na festa da comunidade, como vimos na organização



*RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar.* ISSN 2594-8806

coletiva para a construção da capela de Nossa senhora de Lourdes na agrovila do Mocambo do Arari.

Nessa perspectiva, as relações entre campo e cidade se apresentam nessa tradição historiográfica a partir da análise de *processo*, buscando evidenciar sujeitos e táticas de resistência no cotidiano, pluralizar vozes e saberes que superam a divisão entre educação urbana e do campo.

Os trabalhadores do Mocambo do Arari têm vivências dinâmicas, isto é, exercem atividades diversas e combinadas em suas experiências de trabalho. Muitos deles são pescadores, agricultores, costureiras, donas de casa, entre outros. “O espaço, onde esse conjunto de diferentes sujeitos vive, é carregado de simbologias, contradições, vozes, solidão, vivacidade, tristezas e esperanças.” (ALBUQUERQUE, 2005, p.35). Trata-se de mulheres e homens pobres, com pouca escolaridade, que historicamente são excluídos das narrativas oficiais, mas que se organizaram coletivamente para festejar os pássaros do Mocambo do Arari, o acesso à eletricidade, fazendo o carregamento dos postes de iluminação, e por fim, são estes sujeitos históricos que se articularam para a construção da Escola Estadual Caetano Mendonça, que oferece à comunidade e regiões próximas o curso de Ensino Médio, até então uma realidade distante.

## **Metodologia**

Por meio das trajetórias de vida, buscou-se compreender como esses atores sociais se organizam em táticas de resistências frente às opressões, discriminações, bem como as estratégias políticas e sociais adotadas por aqueles que tem seus direitos negligenciados.

Para tal, o uso da história oral foi imprescindível para trazer sustentação à pesquisa ao evidenciar a história daqueles que por vezes tem suas memórias silenciadas, esquecidas ou excluídas e por isso as reinventam direitos: o acesso à educação formal escolar.

Para tal, utilizou-se como recurso metodológico a fonte oral como meio de traçar pontos da historiografia e dos estudos em educação, visto que, há muitas lacunas na pesquisa em sobre a história e educação no campo. Mesmo que seja “impossível exaurir a memória completa de um único informante, dados extraídos de cada entrevista são sempre o resultado de uma seleção produzida no relacionamento mútuo” (PORTELLI, 1997, p. 36). Partimos desta premissa para a realização das entrevistas.

Trata-se de recuperar as memórias dos mais velhos da comunidade do Mocambo do Arari, de modo que as vozes que estão na comunidade do saiam de lá, e sejam ouvidas em outros espaços. Que suas trajetórias de vida e o processo de construção e reconstrução do direito recriado para o acesso à educação possam ser evidenciados para além das fronteiras da Amazônia.

*RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar.* **ISSN 2594-8806**

A memória, apesar de parecer algo estritamente individual, tem por suporte um grupo social, com o qual a mesma é compartilhada, sem realizar uma ruptura entre o passado e o presente porque só retém do passado aquilo que ainda é capaz de viver na consciência do grupo que a mantêm (SELAU, 2004, p. 221).

Trabalhar com a História Oral como metodologia de pesquisa possibilitou entrar no universo de experiências de moradores de comunidades rurais que vivenciaram a histórica exclusão educacional, desvelando por meio das suas memórias, os processos de construção e reconstrução da educação escolar no local, ao ressignificar as experiências dos sujeitos históricos da comunidade.

A história oral é vista como um instrumento de apoio em função da trama teórica já organizada pelo pesquisador. A ideia é de que a fonte oral corrobore com as ideias que o autor está defendendo sobre um determinado contexto histórico, assim, apesar de ser uma prática muito difundida na atualidade, é nociva ao trabalho com pressupostos científicos, uma vez que trata de usar as fontes orais como uma forma de pôr na boca dos outros os pensamentos elaborados pelo pesquisador (SELAU, 2004, p.227).

O uso desta metodologia na pesquisa possibilita caminhos para desenvolver outros olhares em relação às questões que se pretende discutir. O pesquisador, com base nas suas fontes, apresenta aos leitores o seu olhar sobre os fatos, defendendo-o por meio de suas falas, o que faz da História Oral instrumento de extrema importância para a análise e discussão da temática.

Para Alessandro Portelli (1997. p. 31):

[...] o único e precioso elemento que as fontes orais têm sobre o historiador, e que nenhuma outra fonte possui em medida igual, é a subjetividade do expositor. Se a aproximação para a busca é suficientemente ampla e articulada, uma seção contrária da subjetividade de um grupo ou classe pode emergir.

De acordo com as palavras de Portelli, a aproximação do pesquisador precisa ser articulada e ampla, o que pode lhe proporcionar novas descobertas, tendo em vista o aprofundamento que este terá diante de suas fontes e a comunidade a qual está se inserindo.

O mesmo autor ainda menciona que o trabalho histórico que se utiliza de fontes orais é infundável, dada a natureza das fontes; o trabalho histórico que exclui fontes orais (quando válidas) é incompleto por definição (PORTELLI, 1997, p. 37).

As entrevistas fazem parte da pesquisa realizada para a escrita da dissertação ao Programa de Pós-Graduação em História – Universidade Federal do Amazonas. Esse



*RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar.* ISSN 2594-8806

recurso permitiu de diversificar memórias, de diferentes tempos, que irão trazer as vivências do lugar, podendo muitas vezes nos surpreender com os comunitários têm a dizer, reconhecendo ignorância e modificando a maneira com a qual enxergamos a realidade vivida, reconhecendo nas populações tradicionais, na maioria das vezes excluídas da educação escolar, as trajetórias de resistência pelo direito à educação e à dignidade humana.

Como meio de nos aproximarmos ao máximo das experiências dos narradores, optou-se por manter os nomes originais do narradores bem como a narrativa em sua originalidade, preservando costumes e saberes próprios desses sujeitos históricos.

### **Resultados e Discussões**

No Mocambo do Arari, um dos primeiros moradores é o senhor Milton Teixeira Almeida, 83 anos, casado, agricultor aposentado, pescador, popularmente conhecido como “seu Mimi”. Não há na comunidade uma pessoa sequer que não o conheça, pois ele é conhecido como o dono do Pássaro Jaçanã, uma festividade de cordões de pássaros experimentadas na comunidade.

Em 1952 quando seu Milton decidiu tomar de conta o pássaro, pois era feito por trabalhadores da cidade de Maués que trabalhavam na juta, ele brincava nas ruas da comunidade, onde as condições de vida. Sobre essa época, ele observa:

Quando eu conheci o Mocambo já era Mocambo mesmo. No tempo da maloca dos índio, eles colocaram Mocambo. O Mocambo era isolado. Água tinha bem pouco. Não tinha luz, a gente vivia numa escuridão, sendo alumiado com a lamparina e o querosene. A água, a gente bebia essa mesma. Escola que não tinha mesmo. (MILTON ALMEIDA, 2017/ ENTREVISTADO)

Nascido no “Lado do Boiador”<sup>2</sup>, para o seu Milton Almeida a possibilidade de estudo na região parecia remota. Devido à ausência de escolas, ele não pôde completar os estudos, parando na quarta série do primário, pois havia necessidade de remar pelo rio Mocambo/Amazonas até chegar em locais que tivessem escola e professores. As referências

---

<sup>2</sup> Ao dialogar com os moradores da comunidade, é difícil compreender do que se trata a localização descrita. Não se faz distinção entre terra e rio. O Lago do Boiador é uma região de do Mocambo do Arari na qual se constituíram algumas casas.

narrativas de seu Milton alargam entendimentos sobre a experiência do acesso à educação escolar na região.

A educação melhorou muito. Pros meus filho melhorou muito, porque favoreceu professor aqui perto. E no meu tempo que nós remava lá na cabeceira para estudar lá na boca do Mocambo, no remo. Nós era quatro companheiros. Todos os dias nós saía. Saía umas seis da manhã pra chegar umas sete horas e estudar. Eu estudei, mas não foi demorado. Cheguei a estudar um ano na cabeceira do Mocambo. O resto do meu estudo que eu estudei foi polpa da canoa, com meu livro e um lápis, um caderno escrevendo e ajudando o meu pai a pescar por aí. Foi como eu aprendi a assinar meu nome completo. Agora fede [tem muita] escola e professor nesse Mocambo. (MILTON ALMEIDA, 2017/ENTREVISTADO)

Na narrativa acima, o depoente destaca as dificuldades impostas pela pobreza, situação que lhe fez ter que trabalhar desde muito cedo, por meio da pesca com seu pai. São essas as contradições, ainda presentes no Brasil, tendo em vista a exclusão educacional vivenciada por mulheres e homens que tinham e ainda tem que escolher entre o trabalho e estudos. Contudo, o narrador ressalta as conquistas dos últimos anos sobre a democratização do acesso à educação e a formação de professores por meio de novos campi e universidades federais e estaduais.

As memórias de seu Clair dos Anjos Mendonça, 70 anos, casado, agricultor aposentado também são associadas ao trabalho no roçado, cultivando maniva, melancia e trabalhando na juta.

Quando eu vim para o Mocambo tinha só uma família quando me entendi por gente. Quando a começou a igreja que a prelazia foi fundar a comunidade, a gente tava [transitando] nesse Arari-Mocambo. No Mocambo, a gente ia fazer roça. Quando eles fundaram a congregação, no mês de maio a gente passava o gado lá e ficava até julho. Quando começou as comunidades não tinha energia elétrica. Eu cheguei a ver o Mocambo com seis famílias. Tinha a casa da Tia Raimunda Pereira, bem em frente tinha a casa do Jeco. Mais à frente tinha a casa do Joao Marques. No mesmo da Tia Pereira, tinha do Pedro de Lima. Tinham mais duas famílias. Chico Azedo e o Salustiano. Nesse tempo era espalhado. Na boca do Mocambo tinha um comércio. O Antonio Maia, meu padrinho, fazia comércio. Era o tempo da lenha. O navio passava lá na (CLAIR MENDONÇA, 2018/ ENTREVISTADO)

Diante disso, transitava pelo Mocambo do Arari, devido à grandes cheias que ocorriam à época e pela fartura de terra produtiva, inviabilizando possibilidades de acesso ao ensino formal escolar.

Eu estudei no Arari quando eu tinha 12 anos. Eu fui estudar ABC. Estudei seis meses com um senhor q o papai pagou pra ele. Quando o Zé Esteves foi prefeito, o Chiquinho Buretama lecionou 2 anos. Mas depois parou e não estudei. Ai depois tinha o MEB [Movimento de Educação de Base] pela diocese, aí eu me matriculei para fazer a distância. A gente escutava as aulas pelo rádio. Aí eu concluí o primário pelo MEB. Foi o estudo que fiz. Com 13 anos eu já trabalha na juta, fazendo roçado pra plantar maniva. (CLAIR MENDONÇA, 2018/ ENTREVISTADO)

Escola Estadual Caetano Mendonça tem este nome em referência ao pai de seu Clair Mendonça, que loteou seu terreno na agrovila do Mocambo do Arari e doou uma parte para que a escola fosse construída na comunidade, já que não havia o Ensino Médio. A construção da escola é fruto dos anseios e da articulação da população local tendo em vista que esse grau da formação escolar apenas existia na cidade de Parintins.

Na década de 80, o pessoal da vila se reuniram lá e fizeram um documento pra ir em Manaus pedir uma escola estadual. Foi um verdadeiro puxirum. Foram umas dez pessoas pedir do governador Eduardo Braga e fizeram o pedido e ele deu o “ok”, que ia construir a escola. Só que quando chegaram no Mocambo, não tinha terreno pra fazer a escola do porte que queria. Pensaram em fazer no campo, mas ia ficar sem o campo. Ai meu irmão, o Antônio, tinha uma parte que não tava loteada, porque o papai deu 60 metros pra cada filho. O Antônio disse pro Joao, meu irmão caçula: “por que tu não doa uma parte pra escola?”, aí o nome ficou do papai. (CLAIR MENDONÇA, 2018/ ENTREVISTADO)

É por meio da compreensão é que neste trabalho problematiza as experiências sujeitos históricos, moradores de comunidades rurais que por meio de suas articulações, do sentimento de coletividade, lutaram para que o direito à educação fosse uma realidade dos moradores. Nessa perspectiva cabe citar a obra de Sader (1988) que problematiza os movimentos sociais de São Paulo como instrumento de luta social entre as décadas de 1970 a 1980 é que trabalhadores denunciam a humilhação social e enfrentam a desigualdade. Este fato social revela que “novos personagens entram em cena”.

Desse modo, a Escola Estadual Caetano Mendonça, que atende pessoas da comunidade e também de outras comunidades dos arredores, foi inaugurada dia 31 de outubro de 2009, tendo iniciado sua construção em 2007. A escola apresenta uma pintura precária, dada a falta de políticas de investimento do estado na educação, como se vê na figura a seguir.



**Figura 02:** Escola Estadual Caetano Mendonça. **Fonte:** Josivaldo Junior, pesquisa de campo, 2017.

A agrovila do Mocambo, portanto, possui ensino médio, com doze salas de aula e um ginásio poliesportivo, o que possibilita que muitos jovens concluam o ensino básico na comunidade, e ao mesmo tempo que retarda a ida para a cidade de Parintins daqueles que pretendem cursar o Ensino Superior. Sem dúvida, essa conquista é um processo de articulação por intermédio do puxirum.

A realidade de seu Milton e de seu Clair é identificada em outros narradores da localidade. Nascido na Costa do Arco, comunidade próxima a agrovila do Mocambo, o senhor Anísio Xavier Oliveira, 70 anos, veio para a comunidade do Mocambo em 1971, devido ao casamento com a senhora Astrogilda Almeida, 77 anos. O narrador, assim, rememora sua trajetória de vida:

Eu nasci na Costa do Arco, me criei e pouco estudei, trabalhei cedo no roçado. Depois completei 22 anos e me casei com uma mulher daqui que é a dona Astrogilda Almeida de Oliveira. A comunidade ainda era lá naquela pontinha lá [...] onde é a igreja lá. Só lá era comunidade. E lá a gente construiu uma casinha daquelas antigas que de primeiro a gente usava, né. E aí a gente foi evoluindo um pouco, aumentando a família. Nós tivemos cinco filhos. Então, quando eles [os filhos] fizeram a 8ª série, não tinha mais [estudo]. Aí eles queriam continuar a estudar. Como a gente tinha uma casa pequena em Parintins, a gente resolveu ir pra lá. E lá, eles começaram a estudar o magistério, se formaram. A professora Cleide é minha filha, a professora Lucineia, professora Suelem. E o rapaz que era o Aelcio, todos estão formados. (ANÍSIO OLIVEIRA, 2017/ ENTREVISTADO)

Chama a atenção na narrativa do senhor Anísio Oliveira, o destaque que dá para a oportunidade que encontraram os seus filhos de se formarem em curso superior, evidenciando importante história de inclusão dos jovens do Mocambo nesse último período de inserção de milhares de estudantes no ensino de terceiro grau no Brasil.

Ainda que a expansão de políticas públicas no campo da educação não tenha alcançado todos os municípios do país, com a forte regionalização e interiorização de estrutura e rede de ensino federal técnico e novos *campi* das universidades federais existentes e muitas das que foram então criadas, jovens de muitas localidades da Amazônia, como o Mocambo do Arari, puderam quebrar uma barreira histórica de exclusão dentro de suas famílias, sendo muitas vezes, entre os seus, os primeiros a alcançar o diploma de formação superior.

Um das formas articuladas pelo Governo Federal em 2003, por meio do Governo Lula, para ajudar as famílias mais pobres do país foi a criação do Bolsa Família, programa que faz parte das políticas públicas voltadas para geração de emprego e renda, para solucionar o problema da miserabilidade no país. Sobre o Bolsa Família, Silva (2009, p. 105-106) menciona que:

O Programa Bolsa Família (PBF), criado em 2003 é o principal programa de transferência de renda com condicionantes do Governo Federal, e que segundo dados do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS) até julho de 2008 estava beneficiando 11,1 milhões de famílias em todo Brasil, e no município de Parintins, segundo dados da Caixa Econômica Federal até julho de 2009, beneficiou 8.181 famílias, sendo que os valores dos benefícios variam de R\$ 20,00 a R\$ 182,00 de acordo com a renda mensal per capita e o número de filhos com até 15 anos de idade, em cada família. Sua estrutura está fundamentada em torno de três dimensões: promoção do alívio imediato da pobreza, reforço ao exercício dos direitos sociais básicos nas áreas de saúde e educação e articulação com programas complementares, voltados ao desenvolvimento das famílias.

Outra contribuição importante do programa observada está no fato de que nas famílias que recebem o Bolsa Família. Todas as crianças em idade escolar estão frequentando a escola, pois a frequência escolar em conjunto com outras variáveis é requisito condicionante para o recebimento do auxílio. (SILVA 2009, p. 106)

Valcilene Campos Noronha, 42 anos, cabocla, casada, mãe de sete filhos e residente na agrovila, conta que estudou até a 5ª série do primário, pois tinha que trabalhar como doméstica e casou muito cedo. Ela recebe o Bolsa Família desde 2006. Quando questionada sobre o programa, diz que:

É uma renda que ajuda muito nas condições de financeira. De alguma coisa pra comprar medicamento, alimentação e material escolar, gás de cozinha, conta de luz. Até mesmo no comércio a gente tem crédito. Eles nos ajudam e a gente tá pronto pra ajudar também. A vida melhorou sim. Eu digo assim [...] ele ajuda bastante. A renda deveria ser maior. Mas agora tão falando que pode acabar porque é difícil ter político que gosta da gente. (VALCILENE CAMPOS, 2018/ENTREVISTADA)

Com o golpe parlamentar de 2016, e consequente destituição da presidenta Dilma Rouseff do governo, inicia-se no país um ataque sistemático aos direitos sociais conquistados nas últimas décadas. Do cadastro do Bolsa Família mais de quatorze milhões de famílias são retiradas. Em 2018, ano de eleição para o governo federal, o tema é candente e aparece na narrativa de Valcilene, que reconhece o benefício daquelas políticas para a melhoria das suas condições materiais de existência, evidenciando o seu temor de vê-las agora acabarem.

Para além da questão financeira, o programa Bolsa Família está condicionado à educação, no que se refere à matrícula e frequência dos alunos. O Programa Bolsa Família foi criado “para garantir não apenas o direito de todas as crianças à Educação, mas sua permanência na escola para que tenham um futuro melhor, rompendo com o ciclo da pobreza que no passado, marcou gerações de famílias” (KILL, 2014, p. 9-10)

*RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar.* **ISSN 2594-8806**

Assim, podemos constatar que o Programa tem por objetivo o enfrentamento da pobreza e da exclusão educacional, ao encontrar na base família o apoio necessário para garantir o bem-estar. Dessa forma, o programa não tem objetivo de controlar as famílias para apoio político, mas sim, oferecer-lhes condições básicas para obtenção de serviços públicos a que têm direito. Tudo isso em parceria com o estado, numa relação de responsabilidade entre ambos.

Importante observar aqui a exclusão de oportunidades que ainda persiste nessas comunidades e cidades da Amazônia brasileira. Apesar dos esforços destacados das gestões dos governos Lula e Dilma na ampliação de sistema de ensino federal e maior regionalização do seu acesso pelos interiores do país, é ainda uma história de quinhentos anos de exclusão que precisa ser superada.

Ainda que timidamente, já se percebem os processos de modernização no Mocambo, uma vez que as experiências tecnológicas modernas já estão fazendo parte do dia a dia, com o acesso à educação, à eletricidade, o uso de computadores, celulares e o acesso à internet, ainda que de forma precária, é uma realidade dos comunitários. Sem dúvida, são resultados de perspectivas de lutas forjadas desde o direito à terra e vida com dignidade.

### **Considerações Finais**

Percebemos na comunidade do Mocambo as mais variadas formas de construção do processo histórico da de educação escolar na comunidade, no qual observamos exclusões e opressões, bem como as estratégias de resistências vinculadas ao sentimento comunitário nos laços de solidariedade na Agrovila de São João do Mocambo, como a conquista da escolar para atender alunos de ensino médio. Portanto, trata-se de um processo em que pesem as exclusões sociais que levam a exclusões educacionais.

O acesso à educação precisa ser amparado por mais políticas que possibilitem às classes subalternizadas o acesso à educação formal de qualidade, criando mecanismo de manutenção dos alunos na escola, para além do bolsa família, mais geração de oportunidades, nas quais os moradores possam dedicar-se aos estudos de forma integral, uma vez que não somente à falta de escola seja uma problemática, mas a formação e valorização de professores. Importante destacar, ainda, que as condições de pobreza impossibilitam continuidades dos estudos, pois a necessidade de trabalhar como meio de sobrevivência tem negado aos moradores de zonas rurais a continuidade dos estudos.

É preciso destacar que as novas tecnologias, como o acesso à internet por meio das redes de wifi, embora sejam uma realidade da agrovila do Mocambo do Arari, funcionam de forma



*RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar.* ISSN 2594-8806

precária, pois é recorrente a reclamação dos moradores sobre a qualidade do serviço prestado, em situações mais agravantes, a ausência de internet perduram por dias nessa localidade.

Assim como muitas comunidades ribeirinhas, o Mocambo do Arari necessita de melhorias básicas dos serviços públicos, como mais escolas e formação e valorização dos profissionais e acesso à internet de qualidade. Ainda assim, já se percebem avanços na democratização da educação escolar, situando experiências de coletividade como meio de quebrar a barreira histórica da exclusão que mais velhos forma submetidos.

Os resultados aqui refletidos apontam para a necessidade de mais pesquisas acerca das desigualdades sociais e regionais na formação educacional dos brasileiros e brasileiras, como resultado da falta de orçamentos na educação e oportunidades de igualdade entre brasileiros da cidade de da zona rural. São pessoas de comunidades rurais que permanecem na invisibilidade, tendo o direito humano negado, revelando o abismo que separa a educação daquilo que implica o direito à educação. E são estas mesmas que se articularam cotidianamente como enfrentamento às exclusões que insistem em fazer parte da história do país.

## Referências

ALBUQUERQUE, Gerson Rodrigues de. **Trabalhadores do Muru, o rio das cigarras. Rio Branco: EDUFAC, 2005.**

ALMEIDA, Milton Teixeira. **Milton Teixeira Almeida.** Entrevista realizada na Agrovila de São João do Mocambo do Arari em 15 de maio de 2017.

ALVES, Ana Elizabeth Santos. **Trabalho, Vida Rural e Educação.** Revista HISTEDBR On-line, Campinas, nº 70, p. 163-177, dez. 2016 – ISSN: 1676-2584.

CANDIDO, Antônio. **Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida.** 9ª edição. São Paulo: Ed. Duas Cidades; Editora 34, 2001.

CERQUA, Dom Arcângelo. **Clarões de fé no Médio Amazonas.** 2.ed. Manaus: Prograf, 2009.

CHAUÍ, Marilena. **Conformismo e Resistência: aspectos da cultura popular no Brasil.** São Paulo: Brasiliense, 1986.

GALVÃO, Eduardo. **Santos e Visagens: um estudo da vida religiosa de Itá, Baixo Amazonas.** 2º ed. São Paulo, Ed. Nacional; Brasília, INL, 1976.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.** Censo Demográfico. Brasil, 2010.

*RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar.* ISSN 2594-8806

HAGE, Salomão Antonio Mufarrej; CARDOSO, Maria Bárbara da Costa. **Educação do campo na Amazônia Interfaces com a educação quilombola.** Revista Retratos da Escola, Brasília, v. 7, n. 13, p. 425-438, jul./dez. 2013.

KILL, Mariana. **Educação e Pobreza: análise das condicionalidades do Programa Bolsa Família no Centro de Ensino Médio Elefante Branco – Brasília/DF** 2014.

LIMA, Araújo. **Só a educação transforma os povos.** / Araújo Lima. Organização: Tenório Telles – Manaus: Academia Amazonense de Letras, Editora Valer e Governo do Estado do Amazonas, 2005.

MENDONÇA, Clair Dos Anjos. **Clair do Anjos Mendonça.** Entrevista realizada na Cidade de Parintins em 18 de dezembro de 2018.

OLIVEIRA. Anísio Xavier de. **Anísio Xavier de Oliveira.** Entrevista realizada na Agrovila de São João do Mocambo do Arari em 04 de julho de 2017.

MEDEIROS, Mônica Xavier de.a

**“Tudo era um puxirum, era aquela...Era mulher, era homem que ia roçar”:** a cultura do puxirum em comunidades rurais de Vila Amazônia – Parintins (AM) in: Pensar, fazer e ensinar: desafios para o ofício do historiador no Amazona/ Organizadores: Arcângelo da Silva Ferreira...[et. Al.]. – Manaus (AM): UEA Edições; Valer, 2015.

NORONHA, Valcilene Campos. **Valcilene Campos Noronha.** Entrevista realizada na Agrovila de São João do Mocambo do Arari em 25 de agosto de 2018.

PIAGET, Jean, 1896-1980. **Para onde vai a educação?** Tradução de Ivete Braga, 9. Ed. – Rio de Janeiro, José Olympio, 1988.

PORTELLI, Alessandro. **O que faz a história oral diferente.** Tradução: Maria Therezinha Janine Ribeiro; Revisão: Déa Ribeiro Fenelon. Projeto História, São Paulo. 1997.

SADER, Eder. **Quando novos personagens entram em cena - experiência e luta dos trabalhadores da grande.** S. Paulo, 1970-1980. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SELAU, Mauricio Silva. **História Oral: uma metodologia para o trabalho com fontes.** Revista Esboços. 2004

SILVA, Charlene Maria Muniz da. **Mocambo, Caburi e Vila Amazônia no município de Parintins: múltiplas dimensões do rural e do urbano na Amazônia.** Dissertação de Mestrado: Departamento de Geografia- Universidade Federal do Amazonas - Manaus, 2009.

VASCONCELOS, Georgina Terezinha Brito de. **Educação Básica Ribeirinha: um estudo etnográfico na região amazônica.** 2017, 178 f. Tese de Doutorado (Programa de Estudos Pós-



**RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806**

Graduados em Educação: Psicologia da Educação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). São Paulo: 2017.

**Recebido 20/5/2019.**

**Aceito: 26/7/2019**

#### **SOBRE O AUTOR E CONTATO:**

##### **Josivaldo Bentes Lima Júnior**

Professor. Mestrando em História Política pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Amazonas, UFAM, Brasil. Tel: 92 992839859

**E-mail:** juninhobentes@hotmail.com